

DEBORAH BRENNAND: UM LUME DOURADO NA POESIA RECIFENSE DO SÉCULO XX

Bárbara Magalhães Tavares Rodrigues[1]
Prof. Dr. Walter Valdevino do Amaral[2]

Resumo
Dada as contribuições da incorporação definitiva da História das Mulheres à Historiografia nos anos 80 do século XX, o presente trabalho busca dar visibilidade à trajetória biográfica da poetisa pernambucana Deborah Brennand, nascida em 12 de fevereiro de 1927, natural de Nazaré da Mata, através da análise de suas narrativas e sua inserção nos espaços públicos, como a Academia Pernambucana de Letras, ingressando no ano de 2007, na qual ocupou a cadeira de número 37, consagrando-se como uma das maiores poetas nordestinas de sua geração. Deborah teve uma importante atuação no cenário das letras, chegando a publicar seis livros: “O Punhal Tingido ou O Livro das Horas de D. Rosa de Aragão” (1965), “Claridade” (1996), “Noites de Sol ou As Viagens do Sonho” (1966), "O Cadeado Negro" (1971) e “Pomar de Sombras” (1995). Sua leitura traz contrastes de sombra e luz, das metáforas que doem ao mesmo tempo em que encantam. Como aportes teóricos, utilizamos a perspectiva da história das mulheres proposta por Joan Scott e os estudos sobre biografias empreendidos por Benito Bisso Schmidt, que traz o gênero biográfico como forma de reescrever a história.

Palavras-chave: Intelectuais. Biografia. História das Mulheres.

O gênero biográfico

O gênero biográfico nasceu na Grécia Antiga, mais precisamente no século V, com a proposta de construir imagens de heróis e enaltecer seus atos para que a população pudesse se espelhar. Essa perspectiva perdurou por um bom tempo, oscilando algumas poucas vezes. Sobre essa questão, o historiador Benito Bisso Schmidt afirma que:

> Afinal, o destaque a um indivíduo específico poderia implicar uma afronta ao funcionamento da democracia e sugerir a possibilidade do domínio de um sobre os demais. Assim, foi somente a partir do

[1] Graduanda em História pela Universidade Católica de Pernambuco. Membro do Cactos – Núcleo Unicap de Estudos de Gênero. Voluntária PIBIC-UNICAP. E-mail: barbaram.tavares@outlook.com.
[2] Docente do Curso de História da Universidade Católica de Pernambuco. Coordenador do Cactos – Núcleo Unicap de Estudos de Gênero. E-mail: walter.amaral@unicap.br.



> século IV que o gênero biográfico difundiu-se com mais intensidade, sobretudo nas culturas helenística e romana (SCHMIDT, 2012, p. 188).

A partir de então se constitui um novo regime de historicidade, com a biografia se apresentando apenas como uma subdisciplina auxiliar da História, ou seja, uma de suas múltiplas possibilidades de construção narrativa. No entanto, já no século XIX, o individualismo passou a triunfar e se manifestar de diversas formas, como autorretratos, diários, autobiografias e biografias, sobretudo no campo literário, com a ideia de desnudar e revelar os feitos daqueles que estavam sendo objetos da biografia.

Vale ressaltar que no início a biografia era compreendida como algo ultrapassado e antiquado, praticado por aqueles considerados amadores, que possuíam pouca visibilidade e capacidade de compreensão efetiva do momento histórico. A partir do momento em que a História, que começou a se constituir como disciplina científica no fim do século XIX, a biografia foi ressuscitada, ou melhor, recriada, com o objetivo de servir como referência para a contemporaneidade.

Benito Bisso Schmidt comenta ainda que, é importante ressaltar que a biografia histórica, aquela que foi recriada juntamente com a História em fins do século XIX, é, antes de tudo, História, logo, ela precisa se pautar pelos procedimentos de pesquisa e pelas formas narrativas próprias a essa disciplina. Além disso, a biografia não pode fugir do seu objetivo central: o indivíduo. Pois, ocorre muitas vezes dos/as pesquisadores/as forcarem a biografia no contexto, fazendo com que o seu objeto de trabalho torne-se um mero personagem daquele momento, quando na verdade o mesmo influencia o contexto tanto quanto o contexto o influencia.

Desta forma, as questões teóricas e metodológicas entram em cena e sobre elas, o autor acima mencionado, traça indicativos sobre o que deve ser observado ao se propor realizar uma biografia:

> Uma das primeiras perguntas que deve ser feita pelo historiador interessado em realizar uma biografia é: por que vale à pena biografar esse indivíduo? Ou, melhor ainda: que dimensões do passado são possíveis de se conhecer pesquisando a trajetória de determinado personagem? Deseja-se com isso dizer que uma biografia não se justifica por si só, mas pelo que ela pode contribuir



> para o avanço das discussões próprias ao conhecimento histórico (SCHMIDT, 2012, p. 195).

A partir desse comentário, fica-nos claro que as respostas serão variadas, pois, cabe a quem está estudando reconhecer a importância do indivíduo a ser biografado/a no atual contexto ou no contexto em que ele/a viveu. Tendo em vista tais questionamentos, é evidente que o/a historiador/a é quem vai legitimar a biografia e os feitos do/a biografado/a, ou seja, como escrever uma vida evidenciando seu caráter particular, social e/ou histórico.

Neste caso, se tratando da História das Mulheres, nosso artigo busca contribuir para o avanço das discussões próprias ao conhecimento histórico dentro desta temática. Pois, a constituição do sujeito feminino é um processo com raízes históricas que implica transformações relevantes na sociedade, uma vez que, as transformações na construção do ser mulher acarretam modificações nos papeis sociais que deixam de ser fixos e definidos (Cf.: ZINANI, 2013).

Nesse sentido, o estudo de uma literatura de caráter feminino fundamenta-se na necessidade de entender e reconceituar a problemática da formação da subjetividade feminina. À exemplo dos estudos realizados acerca de Edwiges de Sá Pereira, primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Pernambucana de Letras, fator que possibilitou a abertura de portas não somente no campo de ocupação de locais públicos que antes eram apenas ocupados por homens e agora passam a serem ocupados também pelas mulheres, mas também no campo literário, modificando a forma de se pensar e estudar essas mulheres, ao mesmo tempo que, mostra para historiografia que os sujeitos femininos existem, são históricos e fazem História.

A respeito dos estudos historiográficos voltados para a temática das mulheres, a historiadora Joan Scott, afirma que inscrever as mulheres na História implica necessariamente a redefinição e o alargamento das noções tradicionais daquilo que é historicamente importante, que, aqui, é a História das Mulheres, tendo em vista que durante séculos sempre foi imposto às mulheres o papel da submissão e passividade.

Portanto, mais do que reproduzir modelos idealizados de conduta, o/a historiador/a deve buscar compreender as personagens por ele/a biografados/as como vias de acesso a outras épocas e, principalmente, para se pensar na relação



entre indivíduo e sociedade, na intenção de se construir uma história mais plural e igualitária.

Deborah Brennand: a poetisa do claro-escuro



Imagem 1: Deborah Brennand.

Em 12 de fevereiro de 1927, no Engenho de Lagoa do Ramo, município de Nazaré da Mata, Zona da Mata Norte pernambucana, nasce à poetisa Deborah Brennand. No início de sua juventude, foi para a cidade do Recife, estudar Direito, na Faculdade de Direto do Recife (UFPE), contudo, não chegou a concluir o curso. Voltou para a sua cidade natal, passando boa parte de sua vida engenho, inclusive parte da fase a adulta, na qual trabalhou como empresária rural; criando gado, participando de exposições e feiras nas quais geralmente ganhava o primeiro lugar, deixando os demais empresários da região, em sua maioria homens, intrigados por perderem para uma mulher.

Além do fato deles não aceitarem perder para uma mulher, eles acreditavam que aquele espaço não era propício para mulheres, chegando várias vezes tentar boicotar os eventos nos quais Deborah participava, mas sem sucesso. A poetisa fazia disso quase como um *hobbie*, cuidar dos animais para ela era uma forma de distração, ao mesmo tempo, em que a deixava mais conectada com a natureza, o que lhe fazia muito bem, algo que está perceptível em suas falas e obras.



Deborah Brennand encarava a poesia muito mais como um hábito natural e espontâneo e, por muito tempo, preferiu manter suas produções literárias na sua intimidade, sossegada e distante dos ruídos do prelo. No entanto, certo dia, durante um almoço com amigos/as e familiares no Engenho da Lagoa do Ramo, o seu talento foi delatado por uma de suas filhas com Francisco Brennand, Maria Helena.

Convencida pelos amigos, o escritor Ariano Suassuna e o poeta César Leal, publicou em pequenas antologias os poemas que tanto teimava em esconder. Dessa forma, seu marido, o artista plástico Francisco Brennand, descobriu o talento de sua esposa. Isto se deu pelo fato de que Deborah sempre fora bastante tímida, desde sua infância e, mesmo, na vida adulta, escondia a sete chaves seus escritos, por acreditar que os mesmos só tinham importância e sentido para ela própria.

Além disso, a relação entre Deborah e Francisco tinha suas particularidades. Ele, por ser artista plástico, precisava de inspirações, e muitas de suas inspirações vinha de outras mulheres.

Deborah Brennand estreou na literatura com a obra “O punhal tingido ou O livro de horas de Dona Rosa de Aragão”, publicado em 1965, pelo Jornal do Commércio, mesmo ano em que surgiu na cidade do Recife, um grupo de jovens poetas e poetisas como Alberto da Cunha Melo, Janice Japiassu, Marcus Acioly, Carlos Cordeiro, Jaci Bezerra, Ângelo Monteiro, entre outros, que se autodenominaram Geração 65.



Imagem 2: Livro “O punhal tingido ou O livro de horas de Dona Rosa de Aragão”.



A sua escrita é dolorosa e sensível, e ao mesmo tempo forte, no entanto, é igualmente mágico parar sobre seus versos e sentir a metáfora que emociona e, mais que isso, encanta. A sua leitura nos traz contrastes de sombra e de luz, de sentimentos profundos e da dor. Das metáforas que doem ao mesmo tempo em que encantam. Em todos os seus textos sentimos a presença da espera, um tema recorrente em sua obra. Deborah é claro-escuro, saída-espera, dor-delícia. Exemplo disso é a poesia "Claridade", a qual está presente no livro intitulado "Claridade", publicado pela editora Bagaço, em 1996. Como podemos observar abaixo:

> Afortunados são os bosques
> onde sem bridas
> a luz campeia
> entre as folhagens
>
> suas crinas douradas.
>
> Tão leve se lustra a água
> na medida exata
> que os rebanhos bebem
> junto às raposas
>
> sem temor selvagem.
>
> Porque só a mim discrimina a claridade? (BRENNAD, 1996, p. 7.)

Tal poesia mostra um mundo cheio de contradições, ao mesmo tempo em que, se trata de uma poesia na qual a palavra exata apanha a beleza no momento certo e ao tempo certo. A poesia que aparenta ser simples mostra uma elaboração mais interior do que exterior, com a denúncia de uma realidade que a própria autora vive, rodeada de paz e também de angústia, onde a mesma se pergunta o porquê de ser discriminada pela claridade que para ela ilumina todas e todos.

Sobre suas poesias, ela mesma declarou que: "Eu não sei porque comecei a escrever poesia. É uma questão de sobrevivência. O pássaro sabe porque voa? Não. Então eu também não sei [porque escrevo]" (BRENNAND, in: LETRAS VERDES, 2006). Afeita a encarar a poesia muito mais como um hábito natural e espontâneo, Deborah ainda publicou mais cinco obras: "Noites de Sol ou As Viagens do Sono" (1966), "O Cadeado Negro" (1971), "Pomar de Sombras" (1995), "Maçãs Negras" (2001), "Letras Verdes" (2002) e "Tantas e Tantas Cartas" (2003).



De suas obras, “Letras Verdes” foi a primeira a virar roteiro de filme, um minidocumentário dirigido e roteirizado por sua própria neta, Deby Brennand, conhecida na cena audiovisual. O documentário foi lançado ano de 2002, contando com imagens da época em que Deborah Brennand ainda vivia em sua fazenda, cuidando dos seus animais, onde recebia seus/as amigos/as para fartos almoços.

A segunda obra a virar roteiro de filme foi “Tantas e Tantas Cartas”, também produzido por sua neta, mas desta vez focando na imagem da Deborah e nas cartas que a mesma escreveu quando criança.

Além da sua importância para a literatura pernambucana, a escritora também foi uma das peças-chave para o Movimento Armorial. Lançado oficialmente em 18 de outubro de 1970, o movimento teve seu marco inicial alicerçado na obra do escritor e dramaturgo paraibano Ariano Suassuna, integrante da Academia Brasileira de Letras. O qual foi marcado pela tendência de Suassuna em sintetizar elementos e figuras da cultura popular nordestina e obras clássicas da literatura universal.

Essa mistura de gostos e expressões é o móvel que inspira a todo tempo o autor e seus companheiros/as do Movimento Armorial, criado como uma proposta de fazer face ao massivo domínio dos imperativos culturais estadunidenses no Brasil. Os integrantes do movimento tiveram como objetivo empenhar todas as modalidades artísticas nesta direção, utilizando a música, dança, literatura, artes plásticas, teatro, cinema, arquitetura, entre outras expressões.

Nesse sentido, figuras de todos os campos se uniram neste esforço nos anos 1970: Antonio Nobrega, Capiba, Jarbas Maciel, Guerra Peixe, Deborah Brennand, entre outros. No Movimento Armorial, Deborah Brennand explícita o espírito Armorial, sendo visível em imagens emblemáticas, como a iluminogravura intitulada “A Morte – Moça Caetana” e o texto “Poema do Sertão”:

> Quando a serpente de ouro agonizar nas pedras e o cardo do tempo agreste, longe, muito longe, florir para ninguém seu único coração, guarda o punhal e deixa no escuro a cruz de estrelassantificar os brutos carrascos da noite. Escuta o silêncio bicado por uma garça selvagem ou o vento que arranha nos espinhos do sonho. Escuta tudo, até o sino ordenar um sangrento levante e a profecia cigana ler o destino do verão. Então, não lamentes o amanhã. Ajaeza teu cavalo e segue, entre o cheiro das juremas, nos ramos da terra clara. Nos rios mortos, apanha o teu brasão, as três medalhas. O gavião da luz devora um vôo de sombras frágeis. Segue e rasga o lenço vermelho: está acesa a batalha! (BRENNAND, 1970).



Sobre Deborah, o escritor Ariano Suassuna, afirmou em determinado momento que:

> Só os grandes Poetas conseguem reencontrar o estado de inocência selvagem da poesia grega. Deborah Brennand pertence á linhagem de Safo. Há Safo nesse poema: Como a doce maçã que rubra, lá em cima, no alto do mais alto ramo, os colhedores esqueceram. Não, não esqueceram: não puderam atingir. Deborah Brennand tem essa maneira ao mesmo templo simples e dificílima de criar o estado poético com poucas palavras e imagens. É a poesia salvagem e pura que devem ter tido as palavras do primeiro casal humano batizando e nomeando as coisas do mundo pela primeira vez no jardim do Éden (SUASSUNA, 1996, p. 1).

No ano de 2007, Deborah Brennand, já aos 80 anos de idade, tronou-se imortal pela Academia Pernambucana de Letras, assumindo a cadeira de número 37, antes ocupada pelo escritor Manuel Correia de Oliveira Andrade. Contudo, diferentemente de outros/as imortais dessa instituição. Portanto, apesar de sua importância para o campo literário, ela só foi reconhecida pela APL mais de quarenta anos depois que começou a publicar seus livros; na qual ela ficou apenas oito anos, pois logo veio a morrer. Além disto, a poetisa dificilmente era, e ainda hoje o é, reconhecida por seu talento e produções literárias, sendo normalmente apresentada primeiramente como a “mulher de Francisco Brennand”, ou seja, sendo percebida e reconhecida por muitos como a sombra de um homem, sem sua liberdade e capacidade de expressão artística.

A poetisa Deborah Brennand morreu no dia 26 de abril de 2015, aos 88 anos de idade, vítima de uma falência múltipla de órgãos, no bairro de Piedade, localizado no município de Jaboatão dos Guararapes. Após sua morte, diversas declarações foram feitas sobre a mesma, na qual vale ressaltar a da escritora e amiga Fátima Quintas, que na ocasião era a presidenta da Academia Pernambucana de Letras, a qual afirmou: “Ela era uma poeta extraordinária. Foi uma perda lastimável. Sua poesia era ligada à natureza, ela criava com uma alma latejante. Fugia de técnicas, regras e amarras para fazer uma poesia verdadeira” (QUINTAS, in: JORNAL DO COMMÉRCIO, 2015). Além dos seus versos, com imagens belíssimas e “segredos, sussurros e sigilos da alma”, Fátima Quintas destacou que Deborah era uma pessoa bela, agradável e simples. “Lembro que, no campo, o seu gado vinha e colocava o



rosto no ombro dela, com a maior naturalidade" (QUINTAS, in: JORNAL DO COMMÉRCIO, 2015).

Além da amiga e presidenta da Academia, o escritor e professor Anco Márcio Tenório Vieira, traçou um olhar mais contemporâneo e fez uma pequena crítica para que Deborah e seu legado merecessem mais atenção: "Acho que havia um pouco de preconceito com a posição social dela, com o tipo de poesia que ela fazia. Além disso, ela era uma pessoa que não gostava de se expor" (VIEIRA, in: JORNAL DO COMMÉRCIO, 2015).

Dentro desse contexto, parece-nos claro o porquê da poesia de Deborah ter ganhado seu lugar seguindo a linha órfico-mítica, em que a poetisa se assumia como um novo orfeu cujo tema não é seria somente revelar as belezas da Terra, mas também desejando fazer o reencontro do homem consigo mesmo, em sua solidão, longe das cidades, em comunhão com a natureza. Portanto, no claro-escuro que se vê em suas poesias, nos mostra por um lado como a beleza e a grandeza do espaço vital e, por outro, as sombras, a sensação de abandono e morte, que está presente em tudo para a autora.

Em seu primeiro livro, "O punhal tingido ou O livro de horas de D. Rosa de Aragão", Deborah trouxe a presença da morte e uma possível salvação através do sagrado. Na obra "Claridade", já citada nesse presente trabalho, o claro-escuro da autora fica mais nítido, demonstrando que ela tinha a certeza que após a noite destruidora surgiria um dia restaurador.

Referências

ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS. **Acadêmicos atuais**. Disponível em <http://www.aplpe.org.br/academicos-atuais/>. Acesso em: 03 dez. 2019.

BRENNAND, Deborah. **Claridade**. Recife: Bagaço, 1996. 58p.

LETRAS VERDES. Direção: Deby Brennand. Produção: Julianne Carmo. Recife (PE): Tissue, 2006.

A LITERATURA pernambucana perde Deborah Brennand. **Jornal do Commércio** [JC on-line]. Recife, 28 abr. 2015. Disponível em: <https://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2015/04/28/a-literatura-pernambucana-perde-deborah-brennand-178656.php>. Acesso em: 20 nov. 2019.



SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 16 dez. 2018.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion, VAINFAS, Ronaldo (Org.). **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 187-205.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Literatura e gênero**: a construção da identidade feminina. Caxias do Sul, RS: Educs, 2013.